

A EDUCAÇÃO PRECISA DE PERGUNTAS: UM OLHAR ACERCA DA PESQUISA NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO SOB A ÓTICA DA COMPLEXIDADE (E DA LINGUAGEM)¹

Óberson Isac Dresch².

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no Curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI.

² Óberson Isac Dresch. Doutorando em Educação nas Ciências pela UNIJUI e bolsista PROSUP/CAPES.

1 Introdução

A educação escolar há séculos tem sido incumbida de encontrar modos de possibilitar o ensino/aprendizado de conhecimentos constituídos ao longo da tradição do pensamento nas suas diversas áreas. Trata-se do resgate daquilo que faz parte do patrimônio intelectual, científico, histórico e cultural da humanidade e que, portanto, precisa ser conservado, (re)descoberto e (re)interpretado. Tem-se, então, um conjunto de ciências ocupadas com construções teórico-práticas realizadas em épocas e contextos distintos e que acabam sendo preservadas como saberes e conteúdos necessários à formação do ser humano na contemporaneidade.

O contexto emergente tem apontado para a necessidade de se repensar nosso sistema de ensino, buscando algo que possa contemplar melhor as questões que se apresentam. Essa insatisfação com a atual situação do ensino escolar iniciou a reestruturação do Ensino Médio há aproximadamente três anos no estado do Rio Grande do Sul. Tal processo visa resgatar e gerar conhecimento de forma articulada entre as disciplinas e áreas em consonância às respectivas realidades das comunidades escolares, tendo a pesquisa como o seu principal eixo de apoio e princípio orientador. Mas é possível pesquisar, com o rigor científico que isso exige, na escola de formação básica? Que contribuições a investigação, no conjunto dos métodos disponíveis, traz para a qualificação da educação escolar e do ensino-aprendizagem de nossos estudantes? E ainda: como relacionar o modelo moderno e a “pedagogia da resposta” com a proposta provocativa da “pedagogia da pergunta” e da pesquisa?

Objetiva-se pensar sobre a necessidade do perguntar no ensino básico em um momento importante de reorganização curricular. Acredita-se na relevância das perguntas em vista de uma reforma do pensamento, em prol de mudanças radicais no âmbito da educação básica. Em síntese, as perguntas e problematizações propiciadas através da pesquisa podem ser um caminho oportuno para a

retomada de saberes já constituídos e analisados, bem como para novas descobertas, invenções e compreensões, possibilitando aos sujeitos envolvidos dar continuidade na caminhada do conhecimento.

2 Metodologia

A pesquisa é de caráter predominantemente bibliográfico. Adota como principal referencial o pensador francês Edgar Morin (em diálogo com outros autores, como Young, Paviani e Herman). A partir de suas obras, fundamenta-se a investigação acerca da necessidade de reforma do pensamento, tendo como foco a reestruturação do Ensino Médio que vem ocorrendo no Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho não envolve entrevistas ou questionários, porém, contempla questões que vêm sendo feitas por professores, estudantes, pais, gestores e comunidade em torno desse processo reorganizador da educação básica. Entre as referências utilizadas, destacam-se os livros: “Introdução ao pensamento complexo”, “A cabeça bem-feita”, “Educação e complexidade”, “A inteligência da complexidade”. Além desses, foram consultados textos de revistas, artigos disponíveis na internet e realizadas leituras de alguns estudiosos/intérpretes de Morin, procurando aprofundar a compreensão da temática escolhida em sua complexidade.

3 Resultados e Discussão

O modelo educacional investigado foi e tem sido planejado e edificado, em grande parte, a partir da estrutura basilar do período moderno. O paradigma que prevalece traz a ordem, a separação/disjunção, a análise, a certeza... como alguns de seus pilares. O mesmo conquistou um lugar de destaque na história das ciências na busca de saberes e, conseqüentemente, do crescimento, a tal ponto que a educação acabou sendo perpassada por sua maneira de conceber o conhecimento.

Muitas instituições, inclusive a escolar, são concebidas e estruturadas a partir dos princípios da ciência clássica moderna. Isto se reflete em um tipo de organização que procede, salvo exceções, de maneira disjuntiva, redutiva, excludente, enfim, simplificadora. Morin e Le Moigne observam que “a incapacidade de reconhecer, tratar e pensar a complexidade é um resultado do nosso sistema educativo. Ele ensina a validar toda percepção, toda descrição, toda explicação pela clareza e distinção” (2000, p. 90). Instaurou-se, assim, um pensamento simplificador que “produz um saber anônimo, cego, sobre todo o contexto e todo o complexo; ignora o singular, o concreto, a existência, o sujeito, a afetividade, os sofrimentos, gozos, os desejos, as finalidades, o espírito, a consciência” (MORIN; LE MOIGNE, 2000, p. 100). Resultado disso é um conhecimento muitas vezes distante dos problemas da existência humana e uma vivência distanciada do conhecimento.

O cenário educacional em constituição aponta pelos menos dois aspectos a se considerar: a necessidade de a escola não ficar alheia e a mercê dos avanços científicos, e a importância de se

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

projetar e desenvolver aprendizagens que possibilitem aos educandos constituírem-se enquanto sujeitos pensantes, atentos ao mundo e às diferentes formas de organização. Para tanto, o predomínio do modelo simplificador convém ser colocado em pauta, investigando-se se a suposta transmissão de notícias, dados, informações, certezas, fatos e fenômenos históricos, bem como resultados e respostas prontas permitem conhecimentos condizentes com a elaboração do pensamento complexo .

A criação de condições favoráveis para esse novo contexto em nosso Estado requer mudanças estruturais, o que Morin denomina de “reforma do pensamento”. O problema central a ser trabalhado é o da reestruturação de alguns modelos de ensino, como aqueles pautados exclusivamente na visão de conhecimento enquanto sinônimo de informação, notícia, conteúdo, resposta dada... Portanto, um primeiro desafio concentra-se na tarefa de compreender a reforma paradigmática do pensamento frente ao modo como se tem, em geral, concebido o conhecimento e o processo de ensino na escola tradicional.

Ao problematizar a educação escolar atual sob a perspectiva da complexidade, chega-se a um imbróglio instigante: por um lado, a configuração disciplinar do conhecimento escolar, por outro, a necessidade de religação dos saberes. Uma das tarefas docentes seria promover religações entre os saberes que foram sendo separados, articulando as disciplinas entre si a fim de revitalizá-las na empreitada do conhecimento. Porém, o que prepondera é uma estruturação curricular disciplinar. Então, existe alguma chance de aproximação ou conciliação entre essas duas perspectivas? É possível trabalhar questões complexas com e nas disciplinas escolares? Em suma, “como é que, em um currículo baseado em disciplinas, os alunos adquirem os recursos para ‘fazer conexões’ e ganhar um senso do mundo como um ‘todo’?” (YOUNG, 2011).

Entende-se que tais questões constituem um debate peculiar, uma vez que a leitura predominante em muitos textos que abordam a problemática da complexidade focaliza-se unicamente na crítica ao caráter disciplinar do conhecimento. Por isso, almeja-se aqui encontrar elos entre as disciplinas e o pensamento complexo. Young (2011) oferece algumas pistas, ao salientar a possibilidade de os docentes desenvolverem conexões entre as fronteiras e/ou, inclusive, atravessá-las. Isso não significa deixar de lado as respectivas disciplinas, mas assumi-las com responsabilidade e competência, tendo como um importante referencial a ideia de que o conhecimento da vida e do mundo transcende os limites disciplinares.

Ao entrar em outras áreas, o educador mantém presente as respostas e perguntas suscitadas em seu componente, procurando enriquecê-las e problematizá-las ainda mais. Ele cria uma identidade com o seu objeto de estudo, que tende a ser reforçada na medida em que vá aprofundando a pesquisa, buscando conhecer diferentes perspectivas de entendimento e de explicação. As dúvidas e os problemas que surgem, além de estimularem o aprofundamento disciplinar, fomentam uma incursão

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

“além fronteiras”, o que é um ponto de partida para firmar vínculos e ligações com outras disciplinas.

Origina-se, assim, uma interdisciplinaridade. Não se trata daquela interdisciplinaridade que surge de maneira forçada a partir de algum princípio ou tema externo pro/imposto, mas em decorrência do aumento das potencialidades desenvolvidas e da abertura diante das limitações cognitivas encontradas na disciplinaridade. Dessa forma, a relação entre as disciplinas baseia-se em interrogações levantadas ou surgidas na própria disciplina e que esta, por si só, não consegue resolver. Se isso faz sentido, a interdisciplinaridade é muito mais o resultado de situações-problema que se colocam a ser pensadas conjuntamente pelas disciplinas do que propriamente da boa vontade de se reunir, escolher um tema ou conteúdo e trabalhar coletivamente.

Segundo (PAVIANI, 1986), “o fundamental, em termos pedagógicos e do progresso científico e filosófico, reside na afirmação popperiana de que ‘estudamos problemas, não matérias: problemas que podem ultrapassar as fronteiras de qualquer matéria ou disciplinas’” (p. 80). Assim, os limites ou fronteiras do conhecimento disciplinar não são compreendidos na égide de uma perspectiva negativa, como se fossem barreiras intransponíveis, e sim como elos que possibilitam a continuidade da investigação, do estudo, da descoberta.

Morin insiste que a mudança estrutural pretendida não equivale à supressão das disciplinas, mas na sua religação e no seu revigoramento: “A reforma que visualizo não tem em mente suprimir as disciplinas, ao contrário, tem por objetivo articulá-las, religá-las, dar-lhes vitalidade e fecundidade” (2009, p. 35). Uma vez que se aprendeu muito bem a separar, a isolar, a analisar, a especificar, precisa-se, agora, aprender com a mesma maestria a religar. O conhecimento pertinente passa pelo aprofundamento do conhecimento disciplinar e pela constituição de ligações entre os saberes, uma vez que as disciplinas isoladas revelam-se muitas vezes insuficientes.

Uma das características a ser incorporada pela escola é a relativização dos métodos de ensino-aprendizagem tradicionais, em vista de procedimentos mais abertos, flexíveis e contextualizados. Considera-se oportuno dar mais espaço à dimensão autopoietica dos estudantes e professores. Lembra-se, aqui, uma experiência que vem sendo intensificada a partir do ano de 2012 no Estado do Rio Grande do Sul, referente aos projetos de pesquisa organizados a partir das “aulas articuladas” de Seminário Integrado. Trata-se de uma iniciativa que visa estimular, desde o nível médio do ensino básico, o desenvolvimento da capacidade investigativa de estudantes e professores num diálogo entre os componentes curriculares. Busca-se um comportamento diferente dos envolvidos nesse processo, que passam a abordar os problemas nas suas inter-retro-relações, conjugando especificidade e generalidade, local e global, parte e todo, reconhecendo a possibilidade do erro, da contradição e da incerteza, enfim, atendendo as instigações do complexo.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XIX Jornada de Pesquisa

Todavia, a pesquisa realizada no Ensino Médio Politécnico não visa resolver problemas que tampouco a ciência consegue resolver. Seu objetivo vincula-se a aprender a problematizar, sobretudo os próprios dados, para não só produzi-los e analisá-los, mas desconfiar deles. Assim, os estudantes são instigados a fazer leituras em torno de saberes constituídos, buscando outras formas de pensá-los e articulá-los. Essas leituras, por sua vez, não significam ações que, uma vez feitas, estão finalizadas; cada uma delas representa a possibilidade de abertura e continuidade da pesquisa, numa ação continuada que contribui na dinâmica do pesquisar. É o verbo ler em ação, a descortinar muitas interpretações possíveis, a dilatar os horizontes das próprias percepções e dos muitos mundos abertos à inventividade criativa (MARQUES, 2001).

É pela pergunta que se instiga as diferentes áreas do conhecimento. Ela aponta para o reconhecimento do desconhecido, conduzindo, primeiramente, a saber que não se sabe, sendo, portanto, uma alusão à “douta ignorância” socrática. Tendo consciência da nossa inconsciência, abrimos um caminho em busca de novas alternativas, compreendendo o conhecimento e a nós mesmos com outros olhares. A pergunta, assim entendida, é “como uma abertura que não fixa as respostas” (HERMAN, 2002, p. 57), permitindo recolar nossos temas no rol investigativo almejado pela educação escolar que tem a pesquisa como um de seus princípios educativos.

4. Conclusões

A pesquisa na educação básica instiga seus envolvidos a lançar um olhar de curiosidade em direção ao mundo que os cerca e que eles mesmos são, formulando perguntas e buscando respostas para questões que consideram importantes. Isso gera inquietude e um espírito de busca por informações, argumentos, justificativas e teorias para suas interrogações. Portanto, o trabalho realizado na escola a partir de projetos de pesquisa tem potencializado a capacidade de interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, ensinar/aprender, propor soluções ou alternativas para problemas concretos que acompanham sua existência e que necessitam não só respostas, mas, principalmente, novas perguntas.

A educação escolar é partícipe dessa caminhada de revisão e de reflexão em torno dos conhecimentos tradicionalmente constituídos. Há saberes a serem sabidos, des-sabidos e re-sabidos. Existem perguntas a serem feitas, desfeitas e refeitas. Por isso, convém às escolas aprender/ensinar a repensar o pensamento, a duvidar de suas certezas e inclusive de suas próprias dúvidas, a promover o perguntar como possibilidade de compreensão. Isso nos ajudará a lidar com saberes que são mais que saberes; a investigar problemas que não dizem apenas ao nosso respeito; a conhecer e ministrar disciplinas que vão além das disciplinas isoladas; a buscar certezas acompanhadas de incertezas, bem como mergulhar nas incertezas sem abrir mão da busca de certezas; enfim, a pensar sob a ótica da complexidade sem deixar de simplificar quando preciso.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

5 Palavras-chave: Educação escolar; reestruturação; perguntar; pesquisa; pensamento complexo.

6 Referências bibliográficas

HERMANN, Nadja. Hermenêutica e Educação. Coleção [o que você precisa saber sobre...] Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

_____. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. In. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (orgs). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. A inteligência da complexidade. Traduzido por Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PAVIANI, Jayme. Problemas de Filosofia da Educação. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

YOUNG, Michael F. D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. Revista Brasileira Educação [online]. 2011, vol.16, n.48 [citado 2012-10-17], pp. 609-623. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 fev. 2013.